

O Corpo Humano no *Seminários de Zollikon* de Heidegger

[The Human Body in Heidegger's *Zollikon Seminars*]

Jeferson Benício de Freitas*

Resumo: Este artigo trata do corpo humano descrito na fenomenologia de Heidegger. Inicialmente, expomos o corpo visto pelas ciências naturais, que em alemão é expresso pelo termo *Körper*, e discutimos a incapacidade das ciências naturais de analisar o corpo como fenômeno. Em seguida, apresentamos o corpo humano como fenômeno, que em alemão é denominado de *Leib*, explanamos o gesto como movimento do corpo e explicamos a capacidade de percepção do corpo.

Palavras-chave: Heidegger. Fenomenologia. Corpo.

Abstract: This article deals with the human body described in Heidegger's phenomenology. Initially, we expose the body seen by the natural sciences, which in German is expressed by the term *Körper*, and discuss the inability of the natural sciences to analyze the body as a phenomenon. Then, we present the human body as a phenomenon, which in German is called *Leib*, explain the gesture as a movement of the body and the body's ability to perceive.

Keywords: Heidegger. Phenomenology. Body.

*Graduado e Mestre em Filosofia pela UnB. E-mail: jefersonbfr@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5823-274X>.

Introdução

O corpo humano descrito na fenomenologia de Heidegger é o corpo vivido, corpo experienciado, corpo próprio, corpo que pode ser denominado de “meu corpo”. Nesse sentido, ele não é apenas um ente material, mas sim a experiência do ser humano. Assim, para descrever esse corpo que pode ser chamado de “meu corpo”, Heidegger utiliza o termo alemão *Leib*. Portanto, *Leib* se refere ao corpo humano descrito e analisado pela perspectiva da fenomenologia de Heidegger.

Em relação à filosofia de Heidegger, ele desenvolveu uma ontologia baseada na divisão ôntico-ontológico. Ôntico é o ente, isto é, a coisa em si, enquanto o ontológico é o ser, o modo como o ente existe. Nesse sentido, o corpo visto pela perspectiva da ciência é o ôntico, isto é, o ente. Por outro lado, o corpo ontológico é o ser do ente corpo. Esse corpo ontológico é o corpo descrito fenomenologicamente por Heidegger. Para essa descrição, Heidegger utiliza o termo alemão *Leib*. Assim, *Leib* é o corpo ontológico, isto é, *Leib* é o ser do ente corpo.

Portanto, o corpo descrito por Heidegger na sua fenomenologia é o corpo como fenômeno. Porém, como foi dito, o corpo também pode ser pensado fisiologicamente, ou seja, cientificamente. Este modo de analisar o corpo é feito pela ciência, que analisa o corpo com uma perspectiva de um objeto material, ou melhor, corpo material. Nesse sentido, vamos iniciar expondo o corpo visto pela ciência, que em alemão é denominado de *Körper*.

Körper

O corpo humano visto pela perspectiva da ciência é expresso pelo termo alemão *Körper*. Essa perspectiva vê o corpo como um objeto. O corpo humano como objeto é uma interpretação através da fisiologia, isto é, o corpo é analisado por meio de processo químico-físico. Em suma, *Körper* é um termo alemão que expressa o ser humano fisiológico.

O *Körper* é uma palavra alemã referente ao corpo humano tratado como um objeto material e necessário para a existência concreta do ser humano. Porém, a existência do ser humano também é baseada em relações. O ser humano não vive ou existe isolado no mundo. Logo, o seu corpo também não é um ente

isolado. Ele existe se relacionando com o mundo.

O fisiológico é uma condição necessária para a possibilidade de uma relação humana com o outro. No entanto, apenas o fato de que a paciente vê na verdade um “tu” com o próximo, isso definitivamente não é uma percepção sensorial, pois não há um órgão sensorial para aquilo que se chama “o outro”. O fisiológico não é uma condição suficiente [hienreichende], no sentido literal da palavra “alcançar” [hin-zureichen], de que o fisiológico não pode alcançar o espaço até o outro e constituir a relação. (HEIDEGGER, 2017, p. 166)

Assim, o corpo humano é a condição necessária para a existência e as possibilidades de relações humanas. Porém, uma visão do corpo isolado não é suficiente para uma explicação da existência corporal tipicamente humana, pois o ser humano é naturalmente um ser relacional, isto é, ele interage o tempo todo em sua existência.

As ciências naturais analisam seus objetos de modo lógico. Normalmente, elas não levam em conta as relações existenciais que seus objetos podem estar envolvidos. Dessa maneira, o modo como as ciências fazem suas análises fica inadequado para a análise do corpo humano, que tem sua existência baseada nas relações no mundo. Para compreender melhor a inadequação das ciências na análise do corpo humano, vamos expor como Heidegger ver essa inadequação.

A incapacidade da ciência natural de analisar o corpo humano como fenômeno

O corpo humano não é apenas um órgão vivo, pois há diferença do corpo humano em relação aos corpos dos outros seres vivos. “O corpo do homem é algo essencialmente diferente de um organismo animal.” (HEIDEGGER, 2009, p. 41). O corpo do ser humano pode ser compreendido como fenômeno que está “aberto” para as relações no mundo.

A ciência, como meio de investigar o corpo do ser humano por meio da biologia ou da química, não consegue explicar a essência do ser humano. Ela tem uma limitação que não deixa chegar a essência do ser humano, isto é, a ciência

não chega na alma, na razão, no caráter do ser humano.

[...]. Que a fisiologia e a química fisiológica possam investigar o homem, como organismo, à maneira das ciências naturais, ainda não prova que a Essência do homem esteja nesse “orgânico”, isto é, no corpo explicado cientificamente. Isso é tão pouco exato, como julgar-se que na energia atômica reside a Essência da natureza. Pois pode muito bem ser que a natureza esconda sua Essência precisamente no lado em que se presta ao controle técnico do homem. Assim como a Essência do homem não consiste em ter ele um organismo animal, assim também não se pode eliminar ou compensar essa determinação insuficiente da Essência do homem, dotando-o de uma alma imortal ou da força da razão ou do caráter de pessoa. Sempre, em todos esses casos, se passa à margem - e em razão do mesmo projeto metafísico - da Essência do homem. (HEIDEGGER, 2009, p. 42).

A essência do corpo humano está no seu ser, isto é, seu modo de ser. A ciência só consegue analisar o ente, e não o ser. Assim, a ciência é usada para pesquisar apenas o corpo físico, sem a questão do ser do corpo, ou seja, sua essência.

A base do método científico é a medição, isto é, a ciência quantifica o objeto analisado. Assim, através da medição, ou melhor, da quantificação, a ciência analisa um objeto. “Mas a mensurabilidade desempenha esse papel [conhecer realidade das coisas] decisivo nas ciências naturais, e precisa mesmo desempenhá-lo, porque o pensar científico-natural apreende em princípio o ser das coisas como objetividade caracterizada pela sua mensurabilidade.” (HEIDEGGER, 2017, p. 116-117).

A ciência natural utiliza o método da quantificação, ou melhor, da mensuração, medição. Nesse sentido, medir é calcular. O método científico do cálculo conhece apenas as coisas que podem ser objetificadas, isto é, tomadas como objeto. Com isso, esse método deixa de fora tudo que não apresenta um caráter de ser passível da matemática. “[...] tudo o que não apresenta o caráter dos objetos passíveis de determinação matemática, é eliminado como sendo incerto, isto é, verdadeiro. [...]” (HEIDEGGER, 2017, p. 123).

No *Seminário de Zollikon*, Heidegger aponta para a incapacidade de a ciência

cia tratar de maneira adequada o fenômeno do corpo humano. Ele diz que há um problema para o entendimento do corpo humano como um fenômeno pela perspectiva científica e que, primeiramente, deve-se ver o problema-do-corpo. Assim, na tentativa de ver o problema do corpo, observamos três exemplos de fenômenos corporais: as lágrimas, a vermelhidão e a tristeza.

Tentaremos agora alcançar a proximidade do fenômeno do corpo. Não pode haver aí nenhuma expectativa de solução do problema do corpo. Já será muito se conseguirmos apenas ver esse problema. Referimo-nos mais de uma vez ao texto do prof. Hegglin. Ali, diz entre outras coisas: “O luto não pode ser medido, mas em virtude das relações psicossomáticas, as lágrimas formadas pela tristeza podem ser examinadas numericamente de várias maneiras”. Na verdade, porém, as lágrimas nunca podem ser medidas. Quando se mede, medem-se na melhor das hipóteses um líquido e suas gotas, mas não lágrimas. As lágrimas só podem ser vistas diretamente. Qual é o lugar das lágrimas? São elas algo somáticos ou algo psíquico? Nem uma coisa nem outra. Tomem um outro fenômeno: alguém enrubesce de vergonha e embaraço. Pode-se medir o enrubescimento? O enrubescer também não pode ser medido, mas sim a vermelhidão, por exemplo, pela medida do fornecimento de sangue. O enrubescimento é algo somático ou psíquico? Nem um nem outro. Fenomenologicamente, o enrubescimento da face ao envergonhar-se pode muito bem ser diferenciado do enrubescimento, por exemplo, pela febre ou ao penetrar num abrigo quente vindo de uma noite fria na montanha. Todos esses três tipos de enrubescimento acontecem na face, embora sejam muito diferentes e também sejam diretamente diferenciados por nós no ser-com-e-para-os-outros cotidiano. “Vemos” no rosto do próximo se ele está constrangido ou aquecido por algum motivo, de acordo com as respectivas situações. (HEIDEGGER, 2017, p. 101-102)

As lágrimas, como fenômeno do corpo, não podem ser analisadas pela ciência, ou melhor, as ciências, que utilizam o método quantitativo, não têm condições para examinar um fenômeno do corpo como as lágrimas. O que se pode medir é o líquido, e não as lágrimas, que são fenômenos do corpo formado pela tristeza. Porém, fenomenologicamente, pode-se descrever as lágrimas como fenômeno do corpo causada por uma determinada situação em que o corpo está envolvido, isto é, que está relacionado.

A vermelhidão, visto como fenômeno existencial do corpo, não pode ser analisado pela ciência. Porém, para descrever a vermelhidão, observa-se a vermelhidão da face é causada por um constrangimento ou algum trauma causado por uma pancada ou qualquer outro motivo. Assim, fenomenologicamente, pode-se descrever a vermelhidão pela sua causa, por exemplo, observa-se se a vermelhidão foi causada por um constrangimento, pelo clima, por uma pancada. Analisa-se a vermelhidão e a situação que causou a vermelhidão. A situação ajuda na descrição da vermelhidão.

Outro fenômeno é a tristeza. A ciência não pode analisar a tristeza, pois, como já foi dito, ela utiliza o método quantitativo na sua análise. A tristeza não pode ser quantificada, apesar de a linguagem comum usar conceitos para se referir a tristeza, como “muito triste”, “pouco triste”, “tristeza profunda”. Porém, isso não significa uma quantidade, mas sim um modo. A tristeza mostra como o ser humano está se relacionando dentro do mundo.

Como se mede a tristeza? Evidentemente não é possível medi-la. Por que não? Se nos aproximamos de uma tristeza com um método de mensuração, a própria aproximação transgrediria o sentido da tristeza, e a tristeza como tal seria eliminada de antemão. O próprio propósito de medir neste caso seria uma transgressão contra o fenômeno como fenômeno. Mas conceitos quantitativos também não são usados em relação à tristeza na linguagem comum? Não se fala de uma tristeza “intensa”, mas de uma tristeza grande e profunda. Também se pode dizer: ele está “um pouco triste”. Mas isso não significa uma quantidade pequena de tristeza. Esse “pouco” significa um modo (qualidade) de afinação. (HEIDEGGER, 2017, p. 102).

Nesse sentido, ao ser atingido pelo amor, pelo ódio, pela alegria ou pela tristeza, a pessoa é inteiramente afetada, ou seja, tanto o corpo quanto a mente são afetados por essas emoções. Pois, o corpo humano é “aberto” para a emoção.

Portanto, o corpo humano visto pela perspectiva da filosofia de Heidegger é um ente que seu ser se abre para as relações existenciais. As relações do ser humano com o espaço, as coisas e os outros se dão através da abertura do corpo para os outros seres. A “abertura” do corpo humano é analisada através da perspectiva do corpo corporal. Assim, para analisar a “abertura” do corpo, deve-se

ver o corpo como corporal. Para observar o corpo com uma perspectiva corporal, Heidegger usa o termo *Leib* para designar o corpo corporal. Desse modo, o corpo corporal, que significa estar “aberto” para as relações existenciais, é denominado *Leib*.

Leib

Heidegger, na sua análise do corpo humano, denomina o corpo humano como *Leib*, que é o corpo como um fenômeno, e não como apenas um corpo material, que em alemão é chamado de *Körper*. Em outros termos, *Leib* é o termo alemão para designar o corpo como fenômeno.

O corpo humano *Leib* é caracterizado com o pronome “eu”. Nesse sentido, o corpo humano é visto como um ser individualizado. Quando fala-se sobre o corpo humano, fala-se do corpo humano no sentido particular, e não universal, isto é, não há uma generalização. O corpo humano é um “eu”, um ser individualizado. “O corporar é o ser corpo com a característica de um si mesmo”. (HEIDEGGER, 2017, p. 107), é “o corpo é um corpo em cada caso.” (HEIDEGGER, 2017, p.106). Em outros termos, o corporar é o modo de ser do corpo humano.

Na fenomenologia de Heidegger, “o corporar do corpo é assim um modo do *Dasein*” (HEIDEGGER, 2017, p. 106). Assim, para analisar o corpo como fenômeno, deve-se utilizar o existencial corporal, que é o meio de observar o corpo pela perspectiva da filosofia de Heidegger. Existenciais são estruturas ontológicas dentro do movimento da nossa existência. Em outras palavras, existencial é o momento da estrutura unitária da existência do *Dasein*. Nesse sentido, com o existencial corporal, podemos fazer a descrição do corpo como um fenômeno, isto é, o corpo corporal.

“O corporal é fundado no corresponder” (HEIDEGGER, 2017, p.189), isto é, o corporal é baseado na relação, no estar relacionando. Há uma correspondência, uma relação entre o corpo e a situação. A relação é a base do modo da existência corporal, isto é, a relação com os outros seres é como o corporal do corpo existe.

O corporar pertence ao modo como o corpo do ser humano existe. Ele é o modo de como o corpo está envolvido no mundo, isto é, é estar “aberto” para as

relações possíveis no mundo. Em outros termos, o corporar é a abertura para a experiência no mundo. “A experiência faz parte do corporar”. (HEIDEGGER, 2017, p. 201).

O estado de abertura é a abertura para o mundo circundante. “Todo existir, nosso comportamento é necessariamente corporal, mas não apenas. É corporal em si. Só que antes é preciso determinar o existir como relação com o mundo.” (HEIDEGGER, 2017, p. 207).

Para aprofundarmos no modo como o corpo corporal existe, isto é, como o corpo é visto pela perspectiva corporal, vamos tratar da questão do gesto do corpo, que é um tópico que Heidegger expõe no *Seminário de Zollikon* sobre o corpo.

Gesto

O movimento do corpo já é considerado gesto, de acordo com a fenomenologia de Heidegger. O gesto é o movimento corporal, pois ele está sempre se relacionando com às coisas em que estão se dando ou se mostrando. Assim, o gesto é mais do que uma comunicação. Ele é todo o movimento do corpo. O gesto é todo o movimento do ser corporal.

Contudo, no senso comum, o gesto é considerado uma expressão, uma “fala”. Ele faz sentido e é compreendido quando está dentro de um contexto em que os envolvidos na comunicação gestual saibam dos significados dos gestos, pois o gesto envolve o outro. Nesse sentido, o outro deve saber o significado do gesto. Ele deve reconhecer o gesto. Portanto, de acordo com o senso comum, o gesto é um movimento corpo que diz alguma coisa, ou seja, o gesto é um dizer não verbalizado. Por exemplo, o sorriso é um gesto do corpo que expressa uma alegria, um bem-estar etc. O movimento da cabeça no sentido vertical, para cima e para baixo, é um gesto de concordância. Assim, normalmente, nem todo movimento do corpo é um gesto, pois se considera gesto uma comunicação com o outro.

Porém, para Heidegger, gesto é todo o movimento do corpo. O movimento do corpo é compreendido por Heidegger como gesto, pois o movimento do corpo está inserido em um contexto e está relacionado com os entes nas situações. Esse movimento é um comportamento com interesse, isto é, não é

aleatório. Há sentido e significado em todo movimento, assim, ele é gesto.

[...]. O que significa a palavra gesto [*Gebärde*]? Segundo a língua alemã, etimologicamente provém de “portar” [*bären*] = carregar, trazer. Também gesta [*Gebären*] vem da mesma origem. “Ge” significa sempre estar numa reunião como, por exemplo, serra [*Ge-birge*], que é uma reunião de montanhas. Para o homem, gesto significa um conjunto de comportamentos. Na filosofia não devemos limitar a palavra gesto à interpretação “expressão”, mas sim indicar todo o comportamento do ser humano como um ser-no-mundo determinado pelo corporar do corpo. Cada movimento do meu corpo não entra simplesmente em um espaço indiferente como um gesto, como um comportar-se desse ou daquele modo. De fato, o comportamento já está sempre numa região determinada que é por meio através da coisa com que estou relacionado quando, por exemplo, pego algo na mão. (HEIDEGGER, 2017, p. 110).

Assim, de acordo com Heidegger, deve-se ver o gesto como o movimento do corpo, e não apenas como uma expressão ou comunicação do corpo para com o outro. O corpo sempre faz gesto, pois ele sempre está envolvido com uma situação. Em suma, o gesto é todo tipo de movimento do corpo.

Agora, continuando com a descrição do corpo humano na fenomenologia de Heidegger, vamos tratar da percepção, que é uma das capacidades inerentes ao corpo. A percepção é o meio que percebemos, notamos, apreendemos as coisas no mundo por meio dos sentidos do corpo.

A capacidade percepção do corpo

A percepção é uma qualidade do corpo. Ela acontece no corpo humano através dos órgãos específicos para a percepção, isto é, os órgãos que operam o processo de percepção possuem características próprias para esse processo. Por exemplo, no processo de percepção através do tato, o objeto percebido deve necessariamente estar em contato com o corpo. Por outro lado, no processo de percepção pela visão, o objeto percebido pode estar perto ou longe do corpo.

Pode-se relacionar o processo de percepção com a propriedade do corpo ser espacial. Desse modo, podemos ver a questão do estar-aqui e não-estar-aqui na relação de percepção dos entes. Com isso, surge o problema que o objeto pode estar ausente na percepção através do tornar presente.

O tornar presente é o imaginar de algo e de perceber esse algo. O corpo não está materialmente com algo que se torna presente pela imaginação, mas o corpo faz parte nesse processo de tornar presente. A participação do corpo no processo de tornar presente se dá pela sua capacidade de se relacionar com o espaço diferentemente de um ente comum.

Isso significa que ele [corpo] teria uma extensão ilimitada? Se não foi isso o que o senhor teria querido dizer, então em que pensa com está afirmação? Supostamente no seu alcance. Mas de onde e como o alcançar é próprio do corpo? Seria o alcance do corpo da mesma espécie que aquele de um foguete na plataforma de lançamento? Se alguém vive, como se diz, no mundo da lua, que função teria então o seu corpo? Quando o filósofo Tales caminhando, pensativo, caiu num buraco, e as moças caçoaram dele, seu corpo não estava exatamente no mundo da Lua, mas sim ausente. Justamente quando - como no caso citado - eu me entrego a algo de corpo e alma, o corpo está ausente. Mas este estar ausente do corpo não é um nada, mas sim um dos fenômenos mais misteriosos da privação. (HEIDEGGER, 2017, p. 105)

Assim, cabe pensar na limitação do corpo no processo de percepção. O corpo tem um limite físico. Porém, na percepção, o corpo tem um alcance maior do que o seu limite físico. Além disso, a percepção dá ao corpo um alcance maior do que seu limite físico.

Agora temos, então, que ir para a discussão do estar-aqui do corpo para elucidar o problema da análise do corpo. O corpo participa dessa questão do estar-aqui. Porém, para perceber essa participação, o corpo deve ser visto como um corpo corporal, *Leib*, que é o corpo além de um ente material. O corpo corporal, *Leib*, é uma visão do corpo como fenômeno. Assim, ele tem uma extensão além do corpo material, *Körper*.

A diferença entre os limites de corpo material e corpo consistiria então em que o *limite do corpo* se estenderia para além do que o limite do

corpo material, de modo que a diferença dos limites seria quantitativa. Mas se tomamos o assunto assim desconhecemos justamente o fenômeno do corpo e o limite do corpo. O limite do corpo em conforto com o limite do corpo material não é diferente quantitativamente, mas qualitativamente. O corpo material nem pode ter um limite como o do corpo. Poder-se-ia imaginar, puramente como possibilidade teórica, que meu corpo material se expande até a janela percebida de forma que o limite do corpo e o limite do corpo material se igualem. Mas, justamente assim, a diferença específica dos dois limites torna-se clara. O limite do corpo material nunca se torna um limite do corpo pelo fato de serem aparentemente iguais. Ao apontar para o batente da janela com o dedo eu não termino na ponta de meu dedo. Onde está o limite do corpo? “Todo corpo é meu corpo”. A frase em si é sem sentido. Mais exatamente dever-se-ia dizer: o corpo é, em cada caso, meu corpo. Isso faz parte do fenômeno do corpo. O “meu” é relacionado a mim mesmo. Com “meu” quero dizer “eu”. O corpo está no “eu” ou o “eu” no corpo? Em todo caso o corpo não é alguma coisa, algum corpo material, mas sim cada corpo, isto é, o corpo como é o meu corpo em cada caso. O *corporar do corpo* [*Leib des Leibes*] determina-se pelo modo do meu ser. O corporar do corpo é assim um modo do Da-sein. Mas qual? Se o corpo como corpo é o meu corpo em cada caso, então este modo-de-ser é o meu e, portanto, o corporar é codeterminado pelo meu ser-homem no sentido da permanência ekstática em meio aos entes na clareira. O limite do corporar (o corpo só é: corpo uma vez que ele corpora) é o horizonte-do-ser no qual eu permaneço [*aufhalten*]. Por isso, o limite do corporar se modifica constantemente pela mudança do alcance de minha estada. O limite do corpo material, ao contrário, geralmente não se modifica, a não ser talvez, ao engordar ou emagrecer. Mas a magreza também não é fenômeno do corpo material, mas sim do corpo. O corpo emagrecido pode naturalmente ser medido como corpo material com respeito a seu peso. O volume do corpo material (o corpo não tem volume) tornou-se menor. (HEIDEGGER, 2017, p. 106)

Assim, o corporar dá uma concepção do corpo além de um simples ente. Ele personifica o corpo. Desse modo, podemos ver o corpo e suas relações no contexto, nas situações, nas possibilidades. Nesse sentido, observa-se a extensão do corpo nas suas relações.

O corporar está na percepção. Ele faz parte da sensorialidade. Heidegger diz que “Corporar é, ao mesmo tempo, o gesto de apontar para o percebido por mim, o que está ao meu alcance pela visão” (HEIDEGGER, 2017, p. 198).

Pensando mais especificamente na concepção do modo de ser do ser humano, *Dasein*, desenvolvida por Heidegger, os sentidos do corpo enquanto corporal é a revelação do corpo efetivamente relacionando com o mundo. Eles podem ser descritos através do existencial Compreender. O existencial Compreensão pertence à corporeidade e determina o ser-no-mundo em sua existência ôntica, fáctica, como modo de corporar. Os sentidos audição, visão, tato, olfato e paladar são entendidos como fenômenos, isto é, eles são ontológicos e se manifestam como modo de ser do *Dasein* em sua corporeidade. Portanto, eles são modos de corporar.

O ouvir, como fenômeno corporal tem o caráter de uma escuta compreensiva. O *Dasein* ouve um carro rangendo ou uma moto, porque ele se encontra junto aos entes, numa compreensão de ser. O corpo natural, *Körper*, não ouve o carro e nem a moto, mas sim escuta ruídos, barulhos. Pois, não há uma compreensão. Em outros termos, o corpo natural, *Körper*, não se relaciona com os seus sentidos como fenômenos, isto é, com o corporar. Ele não se abre com os seus sentidos para se relacionar no mundo.

A visão, por exemplo, possui uma diferença entre o olhar e o ver. O olhar é o ver do corpo natural, *Körper*. Por outro lado, o ver é a visão do corpo corporal, ou seja, “aberto” para a relação com o mundo. O ver é o sentido do corpo corporal com a compreensão. Ver algo é compreender de alguma forma esse algo. Há uma relação de compreensão. O ver é a minha visão direcionada para algo.

Assim, a descrição fenomenológica da capacidade de percepção do corpo está relacionada com a perspectiva da corporeidade do corpo. A corporeidade é o modo de ser do corpo humano, isto é, corporeidade é uma visão sobre o corpo corporal. Nesse sentido, a corporeidade é usada para descrever o corpo humano experienciado, vivido; isto é, é uma perspectiva além do corpo como uma simples coisa ou órgão. Com a corporeidade, vê o corpo como fenômeno. Nesse sentido, o processo de percepção do corpo humano é muito mais do que um processo físico-químico.

A percepção, assim como outras vivências intencionais, subsume, no seu acontecer, o corpóreo do nosso ser-corpo. Toda experiência hu-

mana vinculada diretamente à corporeidade física, por sua vez, é já determinada pelo seu caráter intencional. Querer ver os fenômenos da corporeidade de forma químico-fisiológica equivaleria a querer compreender uma pintura de Van Gogh, por exemplo, analisando simplesmente a composição química de suas tintas. (FERNANDES, 2011, p. 142)

A percepção do ser humano sobre as coisas do mundo é muito mais do que apenas uma percepção que um animal faz de algo. A percepção com o ponto de vista apenas fisiológico pode ser um erro, pois a perspectiva fisiológica é uma visão do processo apenas físico-químico.

Portanto, a percepção humana não é um olhar desatento. Ela ocorre na prática do vivido com as coisas no cotidiano. A percepção nos orienta, isto é, ela abre caminho para o fazer das coisas. Por exemplo, atravessar uma rua, manusear as coisas, produzir algo etc. Ela é um ato de apreender ou captar um ente, porém não é simplesmente um registro do ente. Há a necessidade da abertura para a apreensão.

Conclusão

O corpo não é somente algo material presente no tempo e no espaço. A visão do corpo humano pode ser compreendida a partir da sua constituição fundamental na existência do ser humano, que é o seu modo de existir. Assim, o corpo humano é uma experiência do ser humano no mundo.

O corpo humano existe de modo “aberto” para as relações no mundo. A “abertura” é a recepção das coisas do mundo para uma interação. Nesse sentido, a partir da “abertura” do corpo, o ser humano pode ser melhor bem compreendido. Analisa-se o como é “abertura”, isto é, o modo como o corpo interage com o mundo e pode-se descrever melhor como o corpo existe.

Em relação ao caráter sensível do corpo, ele é “aberto” para a percepção do mundo. Os sentidos são aberturas do corpo para uma relação com o mundo. Nesse sentido, a audição é uma “abertura” para sons do mundo, o paladar é uma “abertura” para os sabores das coisas do mundo. A atuação dos sentidos acontece com uma compreensão, isto é, os sentidos não são apenas percepção,

mas uma compreensão do que está sendo percebido.

Assim, na compreensão do corpo do ser humano, pode-se dizer que se compreende não só o corpo, mas também o ser humano. O ser humano é o seu corpo. Ele é singular através de suas experiências no mundo. Nesse sentido, não dá para fazer generalizações. Cada corpo humano possui sua própria história de vida, de experiência, de relações no mundo que podem explicar o ser humano no seu aspecto individual de existir. Portanto, deve-se ver o ser humano e, claro, seu corpo como um ser particular, e não generalizado.

Referências

- FERNANDES, Marcos A. *À Clareira do Ser: da Fenomenologia da Intencionalidade à Abertura da Existência*. Teresópolis-RJ: Daimon Editora, 2011.
- HEIDEGGER, Martin, *Seminários de Zollikon. Protocolos- Diálogos- Cartas.*/ Martin Heidegger; editado por Medard Boss; tradução: Gabriella Arnhold, Maria de Fátima Prado; revisão da tradução: Maria de Fátima de A. Prado e Renato Kirchner. 3. Ed. Ver. São Paulo: Escuta, 2017.
- HEIDEGGER, Martin, *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro-RJ: Tempo Brasileiro, 2009.

Recebido: 29/03/2022
Aprovado: 10/04/2022
Publicado: 30/04/2022